

LEITURA E LITERATURA: OBRIGAÇÃO OU PRAZER?

Claudecir Batista dos Santos de Souza¹
 Carmen Sidnéia Bonfanti da Silva²
 Maria do Amparo Fecchio dos Santos³

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar as diversas barreiras encontradas pelo professor que se dispõe a despertar no aluno do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental o hábito e o gosto pela leitura literária, bem como sugerir sobre atividades que podem auxiliá-lo nesta tarefa árdua que é o formar e direcionar educandos em dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: leitura literária, ensino/aprendizagem, obrigação, prazer, hábito.

INTRODUÇÃO

Hodiernamente, a tecnologia avança tanto que a escola não tem conseguido acompanhar essa evolução. Observa-se que é lançada aos educandos uma quantidade muito grande de informações, mas que elas por si só não garantem a geração de formadores de idéias. O educando deve ser participante no processo que o envolve, como um ser ativo e atuante na construção de sua vida futura.

DESENVOLVIMENTO

Aposta-se no ato de ler como processo ensino/aprendizagem, na formação de cidadãos pensantes e críticos, longe de serem alienados pelo sistema. Bamberger definiu (2000, p. 10) “[...] o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto”. Ele é um processo cognitivo e um processo de linguagem. Por isso, alguns estudos no campo da psicologia revelam que o aperfeiçoamento da capacidade de ler está intimamente ligado ao da capacidade de aprender como um todo, o que implica dizer que vai além da recepção, pois “a boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor”. (BAMBERGER, 2000, p. 10). A leitura individual desenvolve a capacidade de refletir sobre o processo no qual o mesmo está acoplado, de modo a aprimorar a linguagem e possibilitar o desenvolvimento da identidade como ser único, ou seja, “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade” (BAMBERGER, 2000 p. 10).

A leitura faz com que se ative no educando vários processos cognitivos, que vão desde a decodificação da língua até a reflexão sobre o que se lê. “A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo”. (MARTINS, 1990, p. 32). Afirma-se que a leitura significativa permite ao leitor penetrar no âmago do texto, de forma a superar o que está escrito, isto é, capaz de interpretar as “entrelinhas”. No mesmo sentido, Lajolo (2000, p.106) assinala: “Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando”.

Embora se possa entender que a leitura funcione como elo de ligação entre o mundo interior e o mundo exterior do

indivíduo, muito se tem procurado encontrar resposta para o desinteresse dos educandos, pois o que os educadores mais reclamam é que seus educandos não querem ler, tornando a leitura uma obrigação e realizando apenas aquilo que lhes é cobrado em provas ou em outras formas de avaliações. Contrário a isso, Bamberger (2000, p.70) se posiciona: “Os livros não devem ser considerados como ‘trabalho escolar’, mas como companheiros”. Assim sendo, embora se reconheça a necessidade de se aplicar um teste como uma forma de avaliar a evolução do educando no que se refere à leitura, o que se reprova é o aceite dessa metodologia de troca entre professor/aluno como forma eficaz de se ativar no aluno o gosto e o prazer pelo ato de ler. Kleiman argumenta que essa dificuldade se refere “[...] à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler”(2002, p.15). O que o autor ressalta é o despreparo do educador que se prende muitas vezes à sua formação acadêmica considerando-a como fórmula pronta e acabada capaz de solucionar todas as dificuldades na tarefa árdua do ensino e gosto pela leitura. Diante dessa metodologia tradicional, este se limita à ousadia de novas alternativas que muitas vezes funcionam como fórmulas mágicas, tal como assinala Kleiman: (2002, p. 27) “Nessa mediação, ele pode fornecer modelos para atividade global, como pode, dependendo dos objetivos da aula, fornecer modelos de estratégias específicas de leitura, fazendo previsões, perguntas, comentários”.

Cabe aqui salientar que a leitura como fonte de informações apenas não possibilita ao leitor o gosto e o prazer pelo que se lê, pois é comprovado que o mesmo necessita encontrar-se na leitura. É nessa perspectiva que se deve admitir a importância da leitura literária, pois nela o educando pode fazer uma viagem por outras épocas e universos jamais oferecidos pela leitura simplesmente informativa. Bamberger (2000, p.45) diz que “O jovem leitor exige o inusitado, a libertação do mundo cotidiano, a vida intensificada”. Se levarmos em consideração que a distância entre realidade e literatura é pequena, pois não existe autor indiferente à sua realidade, pode-se afirmar que é possível ao leitor se encontrar no texto, em que as situações da vida cotidiana são recriadas de forma mágica, prendendo-se nela a ponto de se apaixonar. Assim, Bamberger (2000, p. 42) assevera: “Leitura literária – também constitui uma busca além da realidade. Procura o significado interno, o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos cotidianos”.

¹ Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense – Unipar.

² Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense – Unipar.

³ Professora do Curso de Letras – Universidade Paranaense – Unipar.

Nesse sentido, vê-se na leitura literária uma luz para que o educando apaixone-se pela leitura. Para Lajolo (2000, p. 105) “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. Porém, quando o educador introduz o aluno a este tipo de leitura ele se encontra diante de várias barreiras, as quais precisam ser derrubadas, tais como o tabu de que a classe econômica é fator predominante para que se desenvolva o hábito da leitura. É de se perceber que por trás dele há uma omissão de responsabilidade, pois em um mundo globalizado seria ignorância dizer que uma criança ou adolescente não possa se transformar em um leitor fluente pelo simples fato de pertencer a esta ou aquela classe sócio-econômica. Bamberger, sensível à necessidade do ato de ler como um instrumento de cidadania, diz: “[...] a leitura deixa de ser privilégio de uma pequena parcela da sociedade; tornou-se indispensável que um número maior de pessoas leia”. (2000, p. 13).

Outro ponto crucial enfrentado pelos educadores/professores é o despreparo de várias famílias que vê na escola a única responsável pela formação de leitores e cidadãos atuantes. Assim, não contribuem com o processo, talvez por falta de clareza de seu papel fundamental, talvez por não terem sido preparadas para a tarefa, levando-as ao não incentivo da leitura em casa, e acabam por ofertar às crianças apenas brinquedos e outros meios de lazer que não sejam os livros.

Bamberger (2000, p. 50) alude que (2000, p. 50) “[...] disponibilidade de livros, representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura”. Além destes, o educador precisa estar preparado para concorrer com os meios de comunicação de massa que oferecem a todo instante outras formas de lazer, que muitas vezes prendem e dominam os educandos, alienando-os e direcionando-os para o consumismo do mundo moderno. Diante de tantos tropeços, se faz necessário que o professor conheça outras metodologias e o texto a ser trabalhado, mas sem deixar de formular a sua própria metodologia. Não adianta o professor arriscar e indicar um texto que ele próprio não conheça, pois não haverá condições adequadas de discussão e exploração dos conhecimentos dos educandos.

Dessa forma, para Bamberger (2000, p. 74)

Está claro que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver o interesse e o hábito de leitura nas crianças [...] Se as crianças sentirem, nas discussões travadas na sala de aula, que o professor não está apenas generalizando, senão animando-os a ler um ou outro livro, o seu contato com os alunos será fortalecido e eles não só lhe aceitarão, confiantes, o conselho, como também o procurarão.

Para que ele desempenhe seu papel como orientador e pesquisador é preciso estar atualizado com relação ao acervo da biblioteca freqüentada pelos seus alunos, bem como outros tipos de leitura. Segundo Martins (1990 p. 34) “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade

lhe apresenta”.

Diante do exposto sobre a concorrência enfrentada pelo educador no processo de interesse e gosto pela leitura literária, vê-se a necessidade de um professor fascinante, diferente a cada dia e que utilize sua criatividade sem medo de se lançar ao desconhecido. Porém, respeitando a vontade do leitor e sua liberdade, tal como afirma Lajolo (2000 p. 108): “A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais de aprendizagem, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos [...]”.

Na tentativa de dar possíveis direções nesta caminhada do hábito e o prazer pela leitura literária, principalmente no 3º. e 4º. ciclos do ensino fundamental, é que o presente artigo tratara de forma sucinta a postura que o educador deve adotar para tentar ousar-se. Na verdade não se pode afirmar que existe uma metodologia pronta e acabada que dê conta do assunto. O que existe são tentativas e formas mais adequadas de se trabalhar a leitura literária em sala de aula, como por exemplo, a importância de se orientar o processo da leitura como um todo, desde a decodificação até o sentido mais amplo do texto, tal como a interpretação de Lajolo sugere: “O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre o texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz”.(2000, p.50). Portanto, o educador necessita estar presente em todas as etapas da leitura, quais sejam, na pré-leitura dando pistas sobre a mesma, durante a leitura levantando questões sobre o texto e na pós-leitura em que o educador deverá levar o aluno a uma reflexão sobre a leitura feita. Outra atividade que pode auxiliar a leitura é o sócio-carteirinha em que o professor acompanha durante um mês o aluno que mais livros leu. Por fim, pode-se usar o registro de leitura em que o aluno lê, registra sua leitura, e dentro disso indica a leitura aos demais.

CONCLUSÃO

O presente artigo tentou de forma sucinta e objetiva abordar o assunto leitura e literatura no 3º. e 4º. ciclos do ensino fundamental, dando ênfase as dificuldades enfrentadas pelo educador no processo de despertar no educando o prazer e o gosto pela mesma. Após as breves considerações acima, fica evidente que esse despertar deve ser visto como um processo, porém, não um processo isolado, mas que está relacionado com a capacidade de aprender como um todo. Outrossim, é preciso que o educador refute a metodologia tradicional e opte pela postura de que na leitura o educando precisa se encontrar, pois, caso contrário, a mesma não possui sentido e, conseqüentemente, tornando-se rotineira, mecânica e não gera o gosto e o prazer pela mesma. É extremamente relevante que se trabalhe essa nova visão de leitura, na qual o seu grau de maturidade está na reflexão e na crítica e não na mera recepção de informações. Para tal, se faz necessário que o próprio educador seja um “verdadeiro leitor”. Ao trabalhar uma leitura ou um texto, este já deve ter passado pelo crivo da crítica e da reflexão do próprio educador, pois

somente assim ele pode possibilitar ao educando uma troca no processo de leitura”.

Em suma, o processo é árduo, gradativo, mas necessário e maravilhoso, pois nele pensamos e descobrimos a realidade que nos cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, N. N. **Teoria: análise didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2002.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, M. H. **Como e quando começamos a ler**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.